

O reconhecimento do meu lugar no mundo é retroativo e não acontece sem a angústia. Neste sentido, é necessário despatologizá-la, pois é um mal-estar necessário a uma análise.

Nesta breve fala, trago algumas questões em torno de desafios para a clínica psicanalítica em “tempos distópicos”. Tempos distópicos como quase sinônimo de desesperança e incertezas.

Será suficiente dizer que hoje somos confrontados com o sofrimento pós-traumático como efeitos da pandemia? Aproximando-se do desamparo, diferente de uma antecipação apreensiva, encontramos esta angústia carregada do peso do tom depressivo, do desânimo do "já aconteceu", já perdido.

Enquanto protótipo do traumático, fundante do registro do perigo, do qual é necessário se defender – o desamparo no ser humano é relativo à carência, à sua condição de prematuridade, de dependência do outro; contudo, e é importante frisar, para um neurótico ele é sempre relativo ao excesso.

Em que dimensão, ou em que condições, lidamos com o excesso hoje?

Ainda podemos sustentar a ideia de Um universo? Não faz muito que a outras dimensões do universo vêm sendo inferidas. Apesar de não completamente comprovadas, porque não observáveis, já dizem da expansão do universo, ou *multiverso*.

Lacan<sup>2</sup> diz que se há *Um*, é *Um* ao qual falta, é *Um + a*. Um que aponta à falta. Um da falta, real, traumático, como reconhecemos na pandemia de COVID, que nos colocou em perdas e desafios.

Mas foi também um período em que sonhamos mais.

---

<sup>1</sup> 2023 – Marta Pedó é membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre – Porto Alegre, Brasil

<sup>2</sup> Lacan, J. *A lógica do fantasma, seminário 1966-1967*. Publicação não comercial do CEF: Recife, 2008

Os sonhos é que apresentam a outra cena, do inconsciente, em que o tempo não-linear, as múltiplas realidades, as possibilidades infinitas e concomitantes se aproximam do que se anuncia, na fantasia, como o surreal do *multiverso*, em que também se dão a ver os duplos, outros de cada um.

*Chuang Tsé, depois de uma caminhada ao sol, adormece e sonha; no sonho, ele se vê como uma borboleta que passeia pelos mesmos lugares, nas mesmas cenas que tinha visto antes, durante a sua caminhada. Quando acorda, ele se pergunta: será que era Chuang Tsé que sonhava ser uma borboleta? Ou, ao contrário, sou uma borboleta que sonha ser Chuang Tsé?*

No sonho de injeção de Irma, para citar o clássico, Freud também transita por seus duplos – os personagens que aparecem representando algo dele ou da paciente. A proliferação é ruidosa, reúne “um salão de pessoas”, e o clímax é de imagem do horror - a garganta aberta em suas feridas. Mas lá pelas tantas, tudo desaparece, se esvai, e ficam só letras de uma fórmula química – a fórmula - da solução que Irma não aceitou. Na análise, Freud reconhece que se tratava de fazer tentar reparar a própria ferida narcísica, restaurar a unidade imaginária e descartar o fracasso gritante.

O sentimento de fracasso se desfez com essa nova fórmula – a escrita das letras, que são de outro registro - o simbólico.

Acéfalo, o simbólico dissolve identidades e descortina os paradoxos - também dos conflitos. É com isto que trabalhamos – com as aberturas que o simbólico desperta.

Freud reconheceu alguns sonhos em que a teoria do desejo está abalada, e sonhar se faz alarme de um perigo para o sonhador, que deve, sim, despertar. Nos sonhos de angústia, o alarme provoca a apreensão do sujeito, que pula fora da dimensão inconsciente e faz vigília diante de uma satisfação desconhecida.

O pesadelo, para além do sonho de angústia, por sua vez, não tem preparação; ao contrário, ele repete o pouco sentido do desastre, do trauma experimentado sem defesa. “Tive um pesadelo horrível, sonhei que estava preso na tela da TV e não ia mais sair dali... acordei chorando e gritei, chamei a mãe”.

A mãe vem e socorre e tranquiliza ao dizer que estamos todos um pouco cansados de ficar só nas telas.

E diz: quem sabe “sai da tela”?

No excesso das telas

Na indistinção entre a cena na tela e a cena cotidiana, encontramos os efeitos de angústia, desamparo, perda dos referenciais de si. Como se pudéssemos perceber pontos em que os espaços do sujeito se misturam, e as imagens projetadas vazam – um enxame, “tumulto do eu”, misturado a imagens não reconhecidas, *Unheimlich*.

Tomando de empréstimo uma expressão de Schreber, estranhos, como *homens feitos às pressas*, nessa coincidência desconcertante, das diferentes posições do sujeito escancaradas– projeção que seria melhor ter evitado.

Deparar-se com o duplo na qualidade de *êx-timo*, o estrangeiro íntimo, tem o caráter traumatizante.

No trauma, vazio e excesso se conjugam e constituem o paradoxo da imagem reproduzida infinitamente (como o espelho que reflete o espelho, indefinidamente).

O que é “sólido”? Em que se sustentar quando o mundo se esvai em muitas cenas diferentes?

Vem do teatro a expressão “quarta parede” – é um artifício que busca proteger os atores da afetação do público, de quem assiste. Em uma espécie de “solidão pública”, essa parede anteparo permite aos atores a imersão na narrativa, faz barreira, separa os “universos”.

Cotidianamente, convivemos com diferentes dimensões ficcionais, cenas que facilmente distinguimos como realidade ou ilusão. Transitamos por esses espaços sem perceber o quanto nos afetam, até mesmo usufruindo das emoções despertadas pelas projeções.

Justamente porque sabemos que estão numa dimensão outra, enquadradas numa tela. O quadro, a tela, a quarta parede, fazem barreira e permitem a ilusão da boa imagem.

Na falta dela, na falta da falta, qualquer imagem cabe; mas qual? Qualquer uma? todas?

Tempos distópicos, de proliferação de imagens, na busca de evitar perdas. Paradoxalmente, evitar a falta retorna como angústia depressiva, encontro entre vazio e excesso, pois nada mais faz marca – o *gadget* recém consumido é logo descartado e substituído, antecipadamente perdido.

Por outro lado, a partir da ciência, também estamos confrontados com possibilidades simbólicas outras, que nos desafiam, não só no enquadre clínico ,como foi o uso das telas como consultórios, mas também pelo esvaziamento do lugar de enunciação.

As fórmulas da ciência, nessa linguagem esvaziada de sujeito, demonstram ainda mais que o sujeito é efeito de um vazio, (desse efeito de falta que produzimos).

### **Bibliografia:**

- BETTS, Jaime. **Desamparo e vulnerabilidades no laço social** – A função do psicanalista. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, n. 45-46, p.09-19, jul. 2013/jun. 2014). Disponível em: [https://appoa.org.br/uploads/arquivos/revistas/revista\\_45\\_46.pdf](https://appoa.org.br/uploads/arquivos/revistas/revista_45_46.pdf)
- Britannica.com. <https://www.britannica.com/science/learned-helplessness>
- COSTA, Veridiana Alves de Sousa Ferreira & Queiroz, Edilene Freire. **Transtorno de pânico: uma manifestação clínica do desamparo**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/gfkj7QS3RGGtPbJq76dfRgd/?lang=pt>
- FREUD, Sigmund. (1900-1901). A interpretação dos sonhos. In: **Obras Completas**, RJ: Imago, vols. IV e V.
- FREUD, Sigmund. (1919). O Estranho. In: **Obras Completas**, RJ: Imago, vol. XVII.
- KNOBLOCH, Felicia. **O tempo do traumático**. SP: EDUC, 1998.
- LACAN, Jacques. (1962-3) **O Seminário**, livro 10: A angústia. 2005
- LACAN, Jacques. (1966-7). **A lógica do fantasma, seminário 1966-1967**. Publicação não comercial do CEF: Recife, 2008
- SALES, Camila Ferreira. (2016). **A experiência da angústia na clínica psicanalítica e na arte da performance**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais.

STEVENSON, John. **The Fourth Wall and the Third Space**. New York, Centre for Playback Theatre, 1995. Disponível em:  
[http://playbacktheatre.org/playbacktheatre/wpcontent/uploads/2010/04/Stevenson\\_Fourth.pdf](http://playbacktheatre.org/playbacktheatre/wpcontent/uploads/2010/04/Stevenson_Fourth.pdf)